Dia 22 — O Beato Nicolau de Flüe, ou da Rocha, Suíço

O beato Nicolau, cujo sobrenome de Flüe em alemão corresponde em castelhano ao de a Rocha, ou da Pedra, nasceu no dia 21 de março do ano 1417 num povoado da Suíça chamado Sachseln, pertencente ao cantão de Unterwald, um dos sete católicos. Era sua família uma das mais nobres e das mais antigas do país, distinguida entre os suíços no dilatado espaço de mais de quatrocentos anos, não só por uma espécie de bondade que era como hereditária nela, mas pelos primeiros cargos da nação, tendo estado muitas vezes na casa o emprego de landamão ou governador da província.

Deixou Nicolau tão cedo de ser menino que parecia haver-se antecipado a piedade à razão, assim como a razão havia tomado a dianteira à idade. Notou-se desde logo nele um juízo tão maduro, um entendimento tão claro e uma prudência tão superior a seus anos que se creu que havia logrado o uso livre da razão ainda antes de sair do berço, contra as regras ordinárias da natureza.

À vista de tão felizes disposições para a virtude, dedicaram-se seus pais com particular cuidado a educá-lo nos piedosos princípios da religião; mas sua bela índole não havia mister muitos preceitos. A natural inclinação a tudo o que é bom antecipava-se em Nicolau a todas as instruções, sem que naquela idade achasse gosto em outra diversão nem entretenimento que em retirar-se a fazer oração e ler vidas de santos. Eram belos frutos de sua inocência a sinceridade, a modéstia e o candor; rendido sempre a seus pais, não tinha mais vontade que a deles. Embora fosse de compleição débil e de um gênio extraordinariamente aprazível para os demais, começou logo a ser duro e rigoroso para consigo. Movido do exemplo de São Nicolau, cujo nome tinha, jejuava regularmente quatro vezes por semana e mortificava seu delicado corpinho com outras muitas penitências.

Todas as riquezas da Suíça consistem em gados, granjas, pastos, pastagens; pelo que naqueles tempos os filhos das mais nobres famílias se ocupavam no inocente ofício de pastores. O grande amor que nosso Nicolau professava à solidão e à oração fazia-o achar todas as suas delícias neste descansado ofício. A vista dos campos inspirava-lhe tanto amor ao deserto que desde logo se teria retirado a ele se a total subordinação à vontade de seus pais não servisse de estorvo à execução de um intento tão conforme a sua inclinação e gênio; mas queria o Senhor que Nicolau fosse modelo a mais de uma classe de pessoas em diferentes estados.

Não obstante o desejo que tinha de manter-se no celibato, viu-se precisado, por condescender com seus pais, a contrair matrimônio com uma virtuosa donzela chamada Dorotéia; e, como era Deus o autor desta ditosa boda, nem a união pôde ser mais estreita nem o matrimônio mais feliz. Pegaram-se logo a Dorotéia todas as virtuosas inclinações e todos os devotos exercícios de seu

esposo; e à vista da regularidade dos costumes, das obras de caridade, da concórdia das vontades, do bom regime e da modéstia da família, parecia sua casa uma casa de religião. Nicolau não afrouxou em suas penitências ordinárias, e sua devoção ia crescendo cada dia.

Levantava-se regularmente à meia-noite e passava em oração mais de duas horas. Acendia-se mais e mais por instantes a terna devoção que professava à santíssima Virgem, a qual parecia haver nascido com ele, sendo muito rara a conversação em que não falava, como homem verdadeiramente arrebatado, das excelências, do poder e da bondade desta ternissima Mãe. Trazia continuamente na mão seu rosário, que rezava muitas vezes cada dia, sendo esta a devoção de seu carinho e a que enchia todos os espaços que lhe deixavam livres as demais ocupações. Era total sua confiança na soberana Rainha dos anjos; e até se diz que lhe apareceu visível muitas vezes no discurso de sua vida.

Tendo-o favorecido o Senhor com muitos filhos, deu a todos tão bela educação, assim com suas instruções como com seus exemplos, que teve o consolo de deixá-los herdeiros ainda mais de virtudes que de bens. João, seu primogênito, e Gauterio, o terceiro de seus filhos, foram sucessivamente governadores da província e desempenharam com honra este emprego; Nicolau, o menor de todos, foi um dos mais exemplares sacerdotes de seu tempo; e toda aquela santa família acreditou a eminente virtude de seu bem-aventurado pai.

Pelas leis do país viu-se obrigado Nicolau a servir na tropa por algum tempo; e pareceu que a divina Providência o havia conduzido ao exército para conter as licenças dos soldados e dar a todos exemplos raros da perfeição cristã. Era naturalmente bravo, intrépido e excelente oficial. Quiseram premiar suas virtudes e serviços elevando-o aos primeiros cargos e dignidades do país; mas foi em vão, porque nunca puderam vencer sua humildade e sua modéstia. Mas nem por isso esteve ocioso nem foi homem inútil para o público; porque, além do atento desvelo com que sua ardente caridade cuidava dos pobres, tanto nos hospitais como nas casas particulares, era o árbitro de todas as diferenças, o íris de todas as dissensões, pelo admirável talento de que foi dotado para conciliar os ânimos, cortar quimeras e sossegar inquietações.

Mas, embora a vida de Nicolau fosse tão ajustada, sempre lhe dava no rosto o estrépito do mundo; e, suspirando continuamente pelo deserto, não achava sua inclinação mais atrativo que o da solidão. Resolvido enfim a romper os laços que o aprisionavam, fez a sua esposa a proposição e, desejosa também esta de sua parte de empreender vida mais perfeita e retirada, consentiu gostosa numa separação que os havia de unir mais estreitamente com o vínculo de um amor mais puro e mais acrisolado.

Livre já nosso santo dos grilhões que o detinham, no instante desprendeu-se de tudo e voou ao deserto aonde Deus o chamava. Saiu secretamente de seu país, atravessou o cantão de Berna e chegou aos horrorosos despovoados de Monte Jou, que separa os suíços do Franco-Condado. Mas, representando-lhe um camponês que, se se afastava tanto de sua terra, o teriam por algum fugitivo, vagabundo e delinquente, resolveu restituir-se ao cantão de Unterwald, onde a divina Providência lhe deparou um deserto que, sendo extraordinariamente horrível, não podia deixar de ser muito de seu gosto. Era um oco ou uma caverna aberta numa escarpada rocha, semeada toda de espinhos, de pedras e de cascalho, que lhe serviam de leito, e ao redor da qual achava algumas

raízes e ervas silvestres que produzia aquela terra inculta, as quais eram todo o seu alimento.

Não pôde sofrer o demônio por mais dilatado tempo o fervor e a mortificação do novo anacoreta, que, renovando a santidade dos antigos solitários, ressuscitava na Suíça os milagres de penitência que haviam cessado no Egito. Não é fácil explicar as tentações, os artifícios e os maus-tratos com que o inimigo da salvação procurou desalentar nosso solitário; mas foi sempre com muita confusão e vergonha do mesmo tentador.

Havia algum tempo que nosso Nicolau vivia escondido no deserto mais como anjo que como homem, passando algumas vezes oito dias inteiros sem comer e empregando quase todo o dia e toda a noite em oração, quando uns caçadores descobriram aquele tesouro encoberto. Estendida pelos povos da comarca a fama de sua rara santidade, concorriam em tropas a sua ermida. Espantou a todos sua penitência; julgou-se que era excessiva, e obrigaram-no a moderar algo aquela dura severidade com a qual mal se compreendia que pudesse viver.

Mas, crescendo cada dia o concurso e a devoção dos povos, tomou-se a resolução de edificar ao santo ermitão uma cela e uma capela, a que a piedade dos arquiduques da Áustria consignou suficientes fundos, tanto para sua conservação como para a manutenção do capelão que a servia. A devoção dos fiéis pôde mais que a humildade do servo de Deus; e assim não pôde negar-se a fazer-lhes algumas práticas espirituais, que reformaram logo os costumes, fizeram grandes conversões e foram seguidas de muitas maravilhas.

Estando para vir às mãos os três cantões de Berna, de Lucerna e de Zurique, logo que mediou nosso santo terminaram-se as diferenças e firmou-se a paz. Não era fácil resistir à voz de um homem a quem Deus favorecia tão extraordinariamente, honrando-o com o dom de profecia e com o de milagres. Predisse com muita dor as calamidades que haviam de suceder e as heresias de Lutero, de Zuínglio e de Calvino, que haviam de despedaçar os suíços e toda a Alemanha. Prognosticou muito de antemão o dia de sua morte e dispôs-se para ela com novos exercícios de oração e de penitência. Finalmente, no ano 1487, aos setenta de sua idade, tendo passado vinte no deserto, cheio de virtudes e cumulado de merecimentos, rendeu seu ditoso espírito nas mãos do Criador no dia 21 de março, em cujo mesmo dia havia também nascido. No seguinte a seu felicíssimo trânsito foi conduzido o santo cadáver com extraordinária pompa à igreja de Sachseln, dedicada a São Teódulo, onde se lhe deu sepultura. Os muitos milagres que desde logo começou a operar o Senhor em seu sepulcro mereceram-lhe a veneração pública de todos os cantões e fizeram-no célebre na Alemanha, nos Países Baixos e na França. No ano de 1510 foi solenemente levantado da terra seu sagrado corpo pelo bispo de Lausana e colocado num magnífico sepulcro, crescendo cada dia o concurso dos povos, especialmente desde que a sé apostólica aprovou e autorizou seu culto. Hoje se guarda seu vestido no colégio da Companhia em Lucerna como uma preciosa relíquia, que em certos dias se expõe à veneração dos fiéis.

O Beato Oriol, Presbítero

Nasceu este santo sacerdote de uma família honrada em Barcelona, no ano de 1650. Desde a mesma infância deixou-se ver como um modelo de virtude. Destinado ao serviço de Nossa Senhora do Mar, uma das principais paróquias de Barcelona, encontrou nela sacerdotes piedosos que o guiaram no caminho da devoção e lhe proporcionaram meios para seguir seus estudos. Como tinha grande capacidade e era muito aplicado, fez uma brilhantíssima carreira; acabada a qual recebeu o capelo de doutor e ordenou-se de sacerdote. Pouco tempo depois tomou a seu cargo a educação dos filhos de um general, na qual empregou nove anos. Depois disto fez uma viagem a Roma em hábito de peregrino e, de volta a Barcelona, obteve um benefício eclesiástico. Se toda a sua vida havia sido irrepreensível, desde este momento tratou de que fosse perfeita; porque não basta que nos pastores de almas não haja defeitos que reprender, é necessário que haja virtudes que admirar. Para acabar de reduzir seu corpo à servidão, afligiu-o com uma rigorosa abstinência; proibiu-se toda classe de manjares e não viveu mais que de pão e água por espaço de vinte e seis anos; exemplo de frugalidade muito raro nestes séculos de delicadeza. Sustentava-o o fogo do amor divino e, como ao Profeta, o zelo do Senhor o devorava. Este lhe inspirou o desejo de ir ao Japão a trabalhar na conversão dos infiéis; mas o céu, que não o chamava por este caminho, pôs obstáculos a seu projeto e não lhe permitiu realizá-lo.

Apesar das grandes virtudes e admiráveis exemplos de nosso beato, não deixaram muitas pessoas maléficas de tomá-lo por objeto de suas zombarias, de seus insultos e de suas perseguições; mas tudo o padeceu o servo do Senhor com uma santa paciência, exercitando-se na humildade e chegando deste modo àquele grau de perfeição que o céu confirmou com milagres. Dom de curas, profecias, revelação de coisas ocultas, poder de fazer milagres, tais foram os favores com que o premiou o céu, segundo os escritores de sua vida. Os enfermos acudiam em turbas à igreja que tinha destinada para este efeito, e ali eram curados na presença de inumeráveis testemunhas.

Enfim, este vaso de eleição, que exalou em vida o odor das mais preciosas virtudes, admirou em sua morte com o exemplo da mais santa pobreza: tendo morrido a 22 de março de 1702, aos cinquenta e um anos de idade, só se lhe achou o vestido que cobria seu corpo. Muitos milagres atestaram sua santidade, e o papa Pio VII o colocou no catálogo dos bem-aventurados no dia 5 de setembro de 1806.

São Deogracias, Bispo

No ano de 439, tendo-se apoderado de Cartago o rei dos vândalos Genserico, zeloso protetor do arianismo, exerceu contra os cristãos todo gênero de crueldades: entre outras, teve a de lançar em uns barcos rachados e meio abertos o santo bispo Quodvultdeus e grande número de seu clero, com objeto de que perecessem nas ondas; mas o céu os salvou deste perigo, fazendo que arribassem felizmente a Nápoles. A igreja de Cartago ficou viúva por espaço de catorze anos; ao cabo dos quais, tendo tido os católicos liberdade para eleger bispo, todos os sufrágios se reuniram num santo presbítero chamado Deogracias, que provou bem convir-lhe este nome pela caridade com que socorria os pobres, fazendo que todos bendissessem e dessem graças a Deus. Dois anos depois, Genserico saqueou Roma e voltou à África, carregado de botim e arrastando uma multidão

inumerável de cativos da Itália, Sardenha e Córsega. Os mouros e os vândalos repartiram-nos entre si, com a barbaridade de separar as mulheres de seus maridos e os filhos de seus pais. Que boa ocasião para que o santo bispo de Cartago manifestasse toda a extensão de seu zelo! Não contente com dar quanto tinha para resgatar estes infelizes, vendeu até os vasos sagrados e ornamentos da Igreja; persuadido de que em circunstâncias tão extremas tudo devia ceder à caridade e que em nenhuma coisa podiam empregar-se melhor as alfaias dos templos materiais que em redimir os cristãos, que são templos vivos do Espírito Santo. Mas não bastava resgatar os cativos, era necessário proporcionar-lhes socorros; e o santo bispo os procurou, buscando-lhes alojamento, camas e quanto haviam mister. Todos os dias, apesar de sua muita idade, ia visitar os enfermos e ainda frequentemente passava a noite nestes exercícios de caridade. Rendido enfim com o peso de tantas fadigas, morreu no ano de 457; e os pobres cativos, perdendo um pai na terra, ganharam um poderoso intercessor no céu. O antigo calendário de Cartago, que é do século quinto, põe São Deogracias no dia 5 de janeiro; mas o calendário romano lhe assinala o 22 de março.

Martirológio Romano

Em Narbona, na França, o trânsito de São Paulo, bispo, discípulo dos apóstolos, o qual se diz que foi aquele procônsul Sérgio Paulo, batizado pelo apóstolo São Paulo; e ao qual este, indo à Espanha, deixou em Narbona e consagrou bispo daquela cidade, na qual, tendo desempenhado com grande diligência o cargo de pregar, esclarecido em milagres, voou ao céu.

Em Terracina, Santo Epafrodito, discípulo dos apóstolos, o qual foi consagrado bispo daquela cidade pelo apóstolo São Pedro.

Na África, os santos mártires Saturnino e outros nove.

No mesmo dia, o trânsito das santas mártires Calínica e Basilisa.

Em Ancira, São Basílio, presbítero e mártir, o qual, no tempo de Juliano, o Apóstata, atormentado com muito recios tormentos, entregou sua alma a Deus.

Em Cartago, São Otaviano, arcediago, e muitos milhares de mártires, os quais, porque defendiam a fé católica, foram mortos pelos vândalos.

Ali mesmo, São Deogracias, bispo de Cartago, o qual resgatou a muitos de seus fregueses que os vândalos haviam levado cativos e, esclarecido em outras santas obras, morreu no Senhor.

Em Osimo, na Marca de Ancona, São Benvenuto, bispo.

Na Suécia, Santa Catarina, virgem, filha de Santa Brígida.

Em Roma, Santa Lea, viúva, cujas virtudes e ditoso trânsito escreve São Jerônimo.

Em Gênova, Santa Catarina, viúva, ilustre pelo desprezo com que tratava o mundo e pelo grande amor que tinha a Deus.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Nicolau, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Nicolai confessoris tui solemnitate deferimus; ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Atendei benigno, Senhor, às súplicas que vos fazemos na festividade do bem-aventurado Nicolau, vosso confessor, para que consigamos por sua intercessão o que não nos atrevemos a esperar de nossos merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios, capítulo 13. [^1]

1 Coríntios 13,4-5

> **Latim:** 4 Caritas patiens est, benigna est. Caritas non æmulatur, non agit perperam, non inflatur, 5 non est ambitiosa, non quærit quæ sua sunt, non irritatur, non cogitat malum,

Português: 4 A caridade he paciente, he benigna: a caridade não he invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente, não se ensoberbece, 5 não he ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal,

Nota

«Corinto, metrópole da Acaia, uma das principais cidades da Grécia, havia sido o grande teatro do zelo do apóstolo São Paulo. Achava-se o apóstolo em Éfeso, onde teve notícia das diferenças que

se haviam suscitado entre os fiéis de Corinto com detrimento da caridade, e escreveu-lhes esta carta no ano 57 da era vulgar.»

Reflexões

A caridade é paciente, *charitas patiens est*; logo é inseparável da verdadeira devoção. Temos mister suportar não só os defeitos, mas até as mesmas virtudes daqueles com quem vivemos. Os defeitos chocam a razão e o amor-próprio: as virtudes irritam a inveja e excitam o rancor num coração onde não reina a caridade.

É a inveja a paixão das almas baixas, dos entendimentos limitados e dos corações corrompidos. Tudo isto é preciso que seja o que tem pesar do bem alheio. Ter virtude é ofender a um invejoso, especialmente se a virtude é aplaudida. Basta ter mérito para enfadá-lo; a prosperidade alheia lhe dá no rosto. Pode haver paixão mais injusta nem mais irracional? As prendas de seus irmãos o irritam; sua malignidade de ordinário só se ensanguenta contra a virtude. É um ódio sombrio e enfadiço do mérito dos demais. Não haveria invejosos no mundo se o invejoso não conhecesse que havia outros de mais virtude e de mais mérito que ele. Pode haver paixão mais aborrecível?

Muito se enganará o que julgar que poderá sossegar o invejoso obrando e procedendo bem; nenhuma coisa o irrita ou o irrita mais. Até a mesma moderação na prosperidade o enfurece e o faz mais acerbo. O que cativa o coração das gentes o indigna; a mesma modéstia o choca e a boa fama de outro é seu maior tormento. Basta não ser infeliz para ser delinquente ante seu tribunal.

Suspeitas injuriosas, interpretações malignas, negras detrações, calúnias, embustes, desprezos, tudo o que possa nocer, tudo o que seja capaz de desluzir, tudo serve ao invejoso. É a inveja tão antiga como o mundo. Abel foi a primeira vítima sacrificada em seus altares. Não há que cansar-se em vão, porque jamais se reconciliará com os bons. Mas a estes se lhes deverá dar muito de uma paixão tão desprezível, sobretudo desde que não respeitou nem perdoou o próprio Salvador do mundo? *Sciebat quod per invidiam tradidissent eum*, diz o sagrado historiador [^2]. A verdadeira virtude é sua inimiga irreconciliável; é sempre o escolho em que se espatifa.

O veneno com que procura empeçonhar as mais inocentes ações forma-se sempre do inchaço de um coração ulcerado; nunca se verá inveja sem orgulho, mas um orgulho maligno e danoso, que não tanto tira a elevar-se como a denegrir e abater. Não o anima o amor da glória própria, mas a dor e a raiva da alheia. Não há, pois, que estranhar que a caridade reprove a inveja; o assombroso é que haja invejosos que julguem ter caridade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 9 de São João.

João 9,1-4

> **Latim:** [1] Et præteriens Jesus vidit hominem cæcum a nativitate : [2] et interrogaverunt eum discipuli ejus : Rabbi, quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur ? [3] Respondit Jesus : Neque hic peccavit, neque parentes ejus : sed ut manifestentur opera Dei in illo. [4] Me oportet operari opera ejus qui misit me, donec dies est : venit nox, quando nemo potest operari :

Português: [1] E PASSANDO Jesus, vio a hum homem, que era cégo de nascença: [2] e seus discípulos lhe perguntárão: Mestre, que peccado fez este, ou fizerão seus pais, para nascer cégo? [3] Respondeo Jesus: Nem foi por peccado que elle fizesse, nem seus pais: mas foi para se manifestarem nelle as obras de Deos. [4] Importa que eu faça as obras d'aquelle, que me enviou, em quanto he dia: a noite vem, quando ninguem póde obrar.

Meditação

Do bom uso do tempo

Primeiro ponto

Considera que esta vida é propriamente o dia em que devemos trabalhar pelo céu, depois do qual vem a noite em que não é possível trabalhar: *Venit nox, quando nemo potest operari.* Que desgraça a daquele que não empregou bem o dia!

Não há coisa tão preciosa como o tempo desta vida; não há momento que não valha uma eternidade; porque a ditosa eternidade é fruto daquelas graças que só se nos dispensam neste presente tempo. Aquela eterna felicidade, aquela glória inefável que gozam os bem-aventurados, aquele preço do sangue do Redentor não é mais, digamo-lo assim, que recompensa do bom uso do tempo.

É tão precioso o tempo que todas as honras, todos os bens do mundo não valem o que vale um só momento; e, quando não se houvesse empregado mais que um só momento em pretender e em conseguir todos os bens do mundo, se não se houvesse ganho outra coisa, poder-se-ia dizer com verdade que aos olhos de Deus, que julga sensatamente das coisas, se havia perdido o tempo.

Não há condenado no inferno que, se fosse dono de todos os reinos do mundo, não os desse todos no instante por lograr um só momento do tempo que perdeu em vãs diversões e do qual não fazemos nós melhor uso. Por isso é muita verdade que em cada momento que não empregamos por Deus fazemos maior perda que se houvéssemos perdido todo o universo.

O que os santos não poderão conseguir em toda a eternidade por meio dos atos mais perfeitos das maiores virtudes, que é merecer um novo grau de glória, isso posso eu fazer em cada instante com um só ato de amor de Deus.

O que não poderão conseguir os condenados por toda a eternidade com seu pranto, com sua raivosa dor, com seus horríveis tormentos, que é aplacar a ira de Deus e obter perdão do mais mínimo pecado, isso posso eu fazer com um suspiro, com uma lágrima; a cada momento e a cada instante, com um só ato de contrição perfeita e verdadeira, posso conseguir o perdão de todas as minhas graves culpas.

E quê, Deus meu, é possível que a eternidade feliz ou desgraçada dependa do bom ou do mau uso do tempo! É possível que nossa salvação somente pode negociar-se neste tempo! É possível que o número de nossos dias está determinado e que não há coisa que corra com maior velocidade que o tempo! E é possível que haja homens que empreguem este tempo em bagatelas, que não saibam que fazer do tempo, que só pensem em passar, em gastar, em perder esse tempo! E não sou eu deste número?

Ah, Senhor, e como usei eu deste mesmo tempo? Os melhores dias de minha vida já se passaram e se perderam; o dia vai já declinando, a noite se aproxima. Oh, que multidão de reflexões, meu Deus! Oh, que manancial de sustos, de temores e de arrependimento!

Segundo ponto

Considera que nossa salvação só se pode negociar no tempo e que todo o de nossa vida unicamente se nos deu para que trabalhemos neste grande negócio. Com que economia devemos empregar este tempo, cujos momentos são tão preciosos, cuja perda é irreparável!

Com tudo isto, causa-nos grande dor esta perda? Olha-se como tal? Ah, que hoje se chama diversão, partidas de gosto, negócios importantes tudo aquilo que nos faz perder o tempo! Examinemos como usamos do tempo nós mesmos. Dedicamo-lo, dedicamo-lo inteiramente a trabalhar em nosso grande negócio?

Tempo virá em que tudo daríamos por lograr um daqueles preciosos instantes que perdemos e que ainda queremos perder. Que desesperação, bom Deus, ao ver que todo este tempo se passou, que todo este tempo se perdeu!

Ah, se eu me achasse agora (diremos à hora da morte) como me achava tal e tal dia, quando meditava sobre o bom uso do tempo; se gozasse da mesma saúde, se me visse na mesma idade: meu Deus, que coisa não faria! Mas, desditoso de mim, porque, pensando então na dor que algum dia me havia de causar o não me haver aproveitado do tempo, não me aproveitei deste pensamento, nem desta graça, nem deste tempo! A juventude, a qualidade, o emprego, as riquezas, a abundância eram porventura suficientes títulos para passar uma vida ociosa, divertida, inútil? Eram títulos para malograr o tempo?

Que discretas, que prudentes foram aquelas almas fiéis que viveram dias plenos, aqueles servos de Deus que passaram tão santamente seus dias! Considera o beato Nicolau em sua casa, entre sua família, no exército, no deserto: que aplicação a todas as suas obrigações, que horror a toda ociosidade, a toda bagatela, que santo uso do tempo, que vida tão regrada, que penitência!

Senhor, eu me faço a mim mesmo todos os cargos que estes fiéis servos me farão e que vós mesmo me fareis em ordem ao mau uso que terei feito de um tempo tão precioso. Fazei com vossa graça que sejam úteis, tornando-os eficazes; e, pois ainda vos dignais conceder-me tempo, vou desde este ponto, com o auxílio de vossa graça, empregar bem todos os instantes.

Jaculatórias

> *Dum tempus habemus, operemur bonum.* Gl 6.

Obremos bem enquanto temos tempo.

> *Non defrauderis a die bono, et particula boni doni non te prætereat.* Eclo 14.

Mete em casa o bom dia e não percas um momento do tempo que Deus te dá para trabalhar na salvação.

Propósitos

1. Ao ver a vida ociosa, regalona, inútil das gentes do mundo e talvez de não poucos eclesiásticos, não se poderia crer que aquele decreto irrevogável, comerás o pão com o suor de teu rosto até que voltes à terra de onde foste formado, não deve falar com todos e que sem dúvida há alguns privilegiados? Contudo, o decreto é universal, a ninguém exceptua. Nem todos estão obrigados a passar uma vida costuraiosa e afanada; é assim, mas ninguém há que tenha direito a passá-la ociosa e inútil; a ociosidade e a preguiça igualmente estão proibidas ao príncipe e ao vassalo. Poder-se-ia dizer que hoje basta a um ser rico, ser homem notável, ocupar um posto distinto, para ter direito de perder o tempo; a única coisa que de ordinário ocupa é a inquietação congojosa de não saber em que perder o tempo. Faz-se como uma lei, e até talvez se quer também fazer mérito, de não saber fazer nada. Uma pobre mulher a quem a fortuna do marido acaba de levantar do pó da terra crerá que se acreditaria de mulher ordinária se a vissem trabalhar. Evita um vício que é origem de outros muitos; mas advirto que se pode perder o tempo sem estar ocioso. A inutilidade de tudo o que não é para a salvação é uma ociosidade culpável. Sejam tua principal ocupação as obrigações de teu estado. Deixam-te algum momento? Pois não o deixes passar ociosamente. As

obras de caridade, algum honesto exercício manual, a oração, a leitura de livros devotos ou úteis são ocupações dignas de uma pessoa cristã. Até nas recreações, nos desafogos do ânimo e nas visitas hás de fugir da ociosidade. A labor sempre parece bem nas mãos de uma senhora cristã. A roca e o fuso, segundo a linguagem da Escritura, entram no elogio que o Espírito Santo faz da mulher forte. E não se alegue que isto se opõe à atenção e à boa criação; porque as leis do século nunca podem derrogar as máximas da religião. Têm-se visto e veem-se hoje senhoras da primeira grandeza, princesas soberanas de mérito muito distinto, que não sabem estar sem alguma costura nas mãos, em tempo e circunstâncias em que mulheres de esfera bem humilde creriam desonrar-se com semelhantes ocupações.

2. Mas dirás que, chegando a tal estado, achando-se um em tal constituição, chegando a tal idade, já não sabe que fazer-se. Pois quê, não tens alguma obrigação a que atender, alguma boa obra em que exercitar-te nem alguma devoção que cumprir? É possível que haja pobres enfermos nos hospitais, pobres envergonhados nessas casas, miseráveis nesses cárceres; é possível que esteja Jesus Cristo dia e noite nesses altares e que haja cristãos que digam que não sabem que fazer-se? E é bem digno de notar-se que quando temos mais tempo para amar a Deus e para servi-lo, então precisamente é quando não sabemos que fazer-nos; porque, quando um está sitiado e como sufocado de negócios temporais, quando passa dias inteiros no jogo e nas diversões, quando só trata de ofender a Deus e de perder sua alma, então jamais se enfastia um; sempre lhe falta tempo. Olha, pois, com horror a ociosidade e faze que todos os teus dias sejam plenos. Procura que sejam úteis até teus inocentes desafogos, acompanhando-os sempre com algum ato de virtude. Vais fazer visitas que julgas necessárias ou convenientes? Pois começa pela do santíssimo Sacramento. A leitura espiritual nutre a alma, e as visitas dos pobres nos cárceres e nos hospitais nutrem a caridade. É ocupação muito digna de uma senhora cristã empregar o tempo e as mãos em trabalhar para os pobres. Nunca está ocioso o que conhece o que vale o tempo, o que é verdadeiramente cristão.

[^1]: O texto reconhecido pelo OCR traz “cap. 43”; a passagem é 1 Coríntios 13,4-5. [^2]: Mt 27.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:17 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:17 by Admin